

# O TATU

e outros bichos do mato  
esculturas de reynaldo jardim

99

petite galerie

rua barão da torre, 220  
rio de janeiro

arte contemporânea



O tatu é um bicho  
trancado em si mesmo.  
O casco esconde  
seus pensamentos.  
Ninguém procurou  
sondar seu destino.  
Ninguém tratou  
de industrializá-lo.  
Fazer de seu casco  
objeto de adorno.  
Fazer de sua carne  
um creme ou um bolo.  
Fazer de sua fumaça  
um túnel do inferno.  
Fazer de seu mundo  
um verso moderno.  
É preciso chamar  
todos os jornais.  
Indagar do tatu  
o que é que ele faz.  
Se dorme ou sonha  
em seu jeito patético.  
Se prefere os novos  
ou se é dos herméticos.  
Se prefere Picasso  
da fase azul.  
Os poetas do norte,  
os pintores do sul.  
Se vive contente,  
se está bem de sorte.  
Como vai seu blindado  
e duro capote.  
Se joga xadrês  
ou quer morar nêle.  
Se prefere Paul Klee  
ou os cronistas mundanos.  
Se troca de casca  
em que dia do ano.  
Se prefere os aliseios  
ou o minuano.  
Se já foi eleito  
entre os dez mais tatus.  
Se respeita o passado  
ou quebra tabus.

Ninguém quer saber  
o que pensa o tatu.  
Ninguém se importa  
com a sorte do bicho.  
Trancado em seu casco  
e fechado em si mesmo.  
Sem caminho certo  
ou rosa dos ventos.  
No grave suicídio  
do seu pensamento.

Aqui, capturados do que eu imaginei ser uma fauna mitológica brasileira, os meus tatus. Os meus tatus são louquíssimos pois, anatômicamente, não têm nenhuma cara de tatu. Mas as matas são soturnas e umidas e eis que vejo, nas raras clareiras, por onde se esquiva uma luz de sol ou de lua, o bicho assustado. Não o perturbo. De medo e respeito. Um pouco de carinho. Paca? Cotia? Tatupeba? Não sei. Não conheço os reais bichos do mato. Mas sei e sinto que as matas estão cheias deles. Veja aquele cruzou a estrada de barro numa rapidez incrível. Jamais os fui caçar. Jamais os caçarei. Há quem cace, quem mate, quem coma até gambá. De chapas de ferro eu os crio para que ninguém ouse come-los assados ou grelhados. O Rubem Valentim entrou em casa. Encontrou a bicharada solta. Se amarrou, falou horas, até em Brancusi. Mostrei ao Franco Terranova e ele resolveu patrocinar o meu pequeno e íntimo zoo. Por favor, não dêem comida aos animais. Não toquem neles. Não se trata de uma exposição em que se solicita a participação lúdica do espectador. Até os bichos mais agressivos pedem somente um olhar de carinho. O Olívio Tavares de Araújo, crítico da revista Veja, escreveu que "esses neo-animais brasileiros são curiosos, despretensiosos, e sobretudo muito bonitos". A Aracy Abreu Amaral viu neles "uma versão escultórica dos bichos antropofágicos das paisagens mágicas de Tarsila dos anos 20". De minha parte espero estar colaborando para estabelecer o equilíbrio ecológico nas artes brasileiras. Se gostar muito de algum deles pode levar para casa. Mas deixe seu endereço que eu quero visitá-lo de vez em quando.

---

18 de Março de 1974 - 21 horas

---